

O novo xiita que nega a conversão

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

"Eu não votei com as esquerdas. As esquerdas é que votaram comigo. E o fizeram com atraso." O comentário é do líder do governo, deputado Carlos Sant'Anna, político definido como diretista no passado, chegando ao centro depois da criação do extinto Partido Popular (PP), hoje apontado como xiita por ter votado com as esquerdas, na Constituinte, para a criação do sistema unificado de saúde.

A "conversão" de Sant'Anna teria ocorrido, segundo companheiros do líder, por influência de sua mulher, Fabíola Aguiar Nunes, de posições políticas progressistas e especialista em saúde pública. Mas a história ocorreu justamente ao contrário, segundo o parlamentar: "Não fiz concessões de natureza política. Saúde não se confunde com ideologia. Agi de forma coerente com minha pregação pessoal, de mais de uma década, em favor do sistema unificado de saúde, que antigamente era combatido por certos setores da esquerda."

Sant'Anna se revela surpreso com as especulações feitas sobre seu voto, que indicam, segundo diz, desconhecimento total de suas posições em relação à saúde. De fato, em seu primeiro mandato como deputado federal, em 1979, foi autor do projeto de lei que seria transformado na Lei Delegada nº 6, estabelecendo desde aquela época a criação do sistema unificado de saúde. Aprovado o projeto, o processo de unificação foi iniciado em 85, quando o próprio Sant'Anna assumiu o Ministério da Saúde. O primeiro passo para a concretização do sistema unificado foi a transferência da Central de Medicamentos, Ceme, do Ministério da Previdência para o da Saúde. "A transferência do Inamps acabou sendo impedida até hoje, mas não é fundamental", diz Sant'Anna.

"Como posso ter votado contra minhas posições se sempre defendi isso?", indaga Sant'Anna. As posições de Fabíola a respeito eram coincidentes, antes de ambos se conhecerem, quando ela era bolsista da Organização Pan-Americana de Saúde e, depois, quando trabalhou em Salvador, no governo Roberto Santos. Na época, Sant'Anna, médico pediatra com 22 anos de magistério ininterruptos na universidade, era o Secretário de Educação. O governador, também médico e seu amigo pessoal, viria a ser mais tarde o pivô de desentendimentos políticos envolvendo Fabíola que resultaram no rompimento entre os dois. Sant'Anna indicou Roberto Santos em 1986 para substituí-lo no Ministério da Saúde, preferindo candidatar-se a constituinte.

Ao assumir o Ministério da Saúde, Roberto Santos desmantelou quase toda a equipe anterior de Sant'Anna. Fabíola encabeçava a Secretaria Nacional dos Programas Especiais de Saúde e deu entrevista mostrando os graves problemas da saúde pública no País. O ministro o tomou como um pronunciamento crítico, ou inoportuno, mas ela respondeu que um governo pretensamente favorável à transparência só poderia divulgar dados verdadeiros, mesmo negativos. O ministro insistiu em demitir Fabíola; o presidente Sarney determinou que ela permanecesse no cargo. A incompatibilidade entre o ministro e a mulher do ex-ministro era evidente e insuperável. Roberto Santos a demitiu e, pouco tempo depois, foi exonerado

22 MAI 1988